

Editorial

XIV ENCONTRO SBI ANO 2001

Estamos à alguns dias de mais um Encontro da nossa Sociedade. Segundo dados parciais da Comissão Organizadora, até a data da elaboração desse boletim já haviam sido recebidos 559 resumos, sendo 86 em "comunicações orais" e 473 em "painéis". O número de inscritos, considerando somente estudantes, é de 418! Esses números iniciais já indicam o sucesso do evento. Ressalta-se a procura pelas "comunicações orais", que estão retornando após algum tempo de ausência. Experimentalmente, para esse Encontro, os mini-cursos foram concentrados no domingo, permitindo com isso que as comunicações orais, painéis e sessões especiais possam ser assistidos por todos de segunda a quinta-feira. Onze mini-cursos já estão confirmados e a Assembléia Geral Ordinária está marcada para quarta-feira às 17:00h em primeira convocação ou 17:30h em segunda convocação. Diversos assuntos de grande interesse para a Sociedade estarão sendo discutidos. O tradicional jantar de confraternização está previsto para logo após a Assembléia, às 20:30h.

A Diretoria espera que a oportunidade criada pelo nosso Encontro, possibilite a todos os participantes, profissionais e estudantes, ictiólogos ou não, bons

momentos de contato científico e de confraternização. Ao mesmo tempo que ampliem o conhecimento técnico, estabeleçam e firmem as suas relações de amizade.

Para lembrar: as inscrições para o XIV EBI 2001 serão efetuadas na Coordenação de Admissão e Matrículas da Unisinos até 4 de janeiro de 2001. Recomendamos fazer a sua inscrição o mais breve possível:

No Campus à Av. Unisinos, 950 - CEP 93022-000 - São Leopoldo - RS

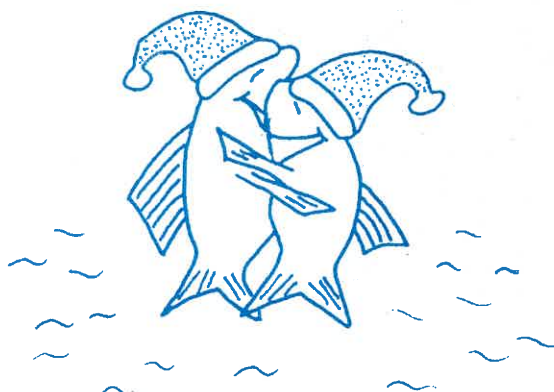
Via fax - (051) 590-8305 - acompanhada do comprovante de pagamento, com identificação do participante e do evento (ficha de inscrição).

Mais detalhes em <http://www.saude.unisinos.br/ebi/>

Aguardamos todos em São Leopoldo.

Por fim, a Diretoria da Sociedade Brasileira de Ictiologia deseja a todos os sócios e demais leitores

Feliz Natal e um ano de 2001
pleno de alegrias, saúde, paz e.....



....muitas realizações ictiológicas!

Leia nesta edição:

Edital de Convocação para Assembléia Geral	2
SBI Eletrônica: Informativo Ictiológico 2001	3
Novos Sócios	3
Registro de <i>Chanomuraena</i> na Bahia.	3
As espécies de <i>Astyanax</i> na Serra dos Órgãos	5
Conforme o Cladograma: Família Rivulidae.	8
Livros a venda	10

MEMBROS DA DIRETORIA E CONSELHO DELIBERATIVO DA SBI

DIRETORIA BIÊNIO 1999-2001

Presidente:

Roberto E. Reis

Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul, Porto Alegre

Secretário:

Carlos A. S. Lucena

Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul, Porto Alegre

Tesoureira:

Olga Martins Mimura

Universidade de São Paulo,
São Paulo

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente:

Suzana A. Saccardo

IBAMA, São Paulo

Membros:

Ângelo A. Agostinho

Universidade Estadual de Maringá,
Maringá

José Sabino

Universidade de Campinas,
Campinas

Marisa Narciso Fernandes

Universidade Federal de São Carlos,
São Carlos

Maurício Hostim-Silva

Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí

Paulo A. Buckup

Museu Nacional, Rio de Janeiro

Yur Maria e Souza Tedesco

Universidade Mackenzie, São Paulo

Pescado Misto & By Catch... (Nosso Painel)

Do Prossiga - CNPq: com prazer informamos que incluímos na Biblioteca Virtual de Referência para Pesquisa em Ciência e Tecnologia (<http://www.prossiga.br/referencia>) o URL da homepage da Sociedade Brasileira de Ictiologia devido a sua qualidade e pertinência para nosso serviço.

Concurso: a SBPC está promovendo concurso para a escolha de sua logomarca. Inscrições até 5 de março de 2001. Maiores informações no endereço <http://www.sbp.org.br>

Boletim Alopias: o Núcleo de Pesquisa e Estudo em Chondrichthyes produz o boletim informativo virtual *Alopias*. Nele há várias notícias não só sobre peixes cartilaginosos mas também sobre clima, marés, etc. vale a pena conferir. Email para contato: boletim@nupec.com.br

Edital de Convocação (Segunda Apresentação)

O Presidente da Sociedade Brasileira de Ictiologia, no uso de suas atribuições, convoca todos os sócios para a XIII Assembléia Geral Ordinária, que será realizada nas dependências da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, na cidade de São Leopoldo, durante o XIV Encontro Brasileiro de Ictiologia, no dia 10 de janeiro de 2001, às 17 horas em Primeira Convocação ou às 17 horas e 30 minutos em Segunda Convocação, Tendo como Ordem do Dia:

1. Leitura e aprovação da Ata da XII Assembléia Geral Ordinária;
2. Apreciação do Relatório da Presidência e do Demonstrativo Financeiro, referentes ao período 1999/2000, com Parecer do Conselho Deliberativo;
3. Homologação dos novos sócios admitidos;
4. Discussão e votação de moções;
5. Eleição da Diretoria para o biênio 2001/2002 e de cinco novos membros para o Conselho Deliberativo;
6. Discussão sobre local e data de realização do XV Encontro Brasileiro de Ictiologia;
7. Assuntos gerais;
8. Encerramento.

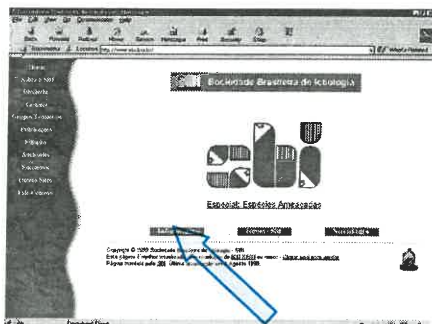
Atenção Sócios

Para quaisquer pagamentos, por favor enviar cheque nominal à Sociedade Brasileira de Ictiologia.

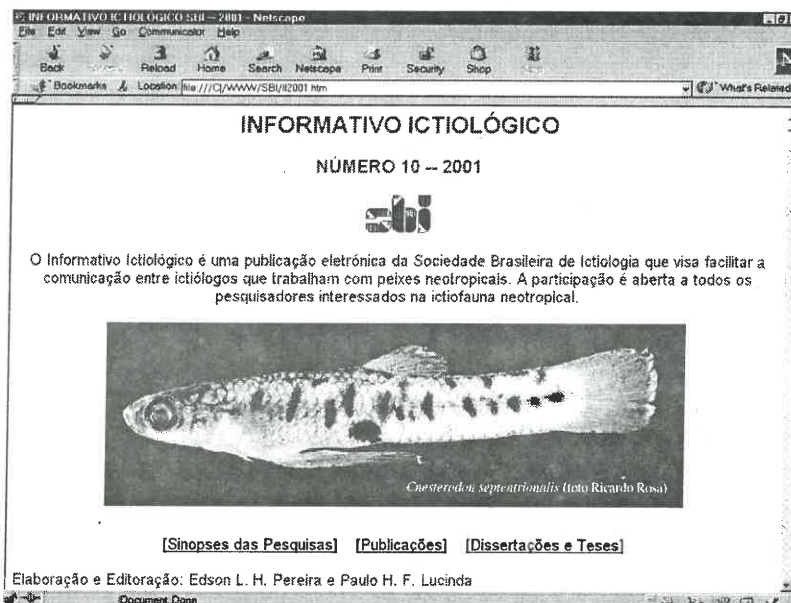
Endereço da Tesouraria: Rua Costa Aguiar, 1236, Ipiranga, 04204-001
São Paulo, SP.

SBI Eletrônica...

(<http://www.sbi.bio.br>)



A partir de janeiro de 2001 estará disponível na *homepage* da SBI o Informativo Ictiológico número 10. Semelhante ao ocorrido com o número anterior, o Informativo poderá ser consultado diretamente na *homepage* ou ser descarregado para impressão. Este ano contamos com participações de ictiólogos de vários países da América do Sul.



Recrutamento...

(Novos Sócios da SBI)

São os seguintes os novos sócios da SBI que enviaram a sua filiação desde o último boletim:

894 Maria Josefina Reyna Kurtz

895 Vanessa Xavier Linhares de Andrade

Sejam Bem-vindos ao nosso convívio!!
Diretoria e demais Sócios da SBI

Comunicação dos Sócios I

(Nossa Contribuição)

Primeiro registro de *Chanomuraena vittata* (Richardson, 1844) (Actinopterygii: Anguilliformes: Muraenidae) no litoral da Bahia, Brasil (Atlântico Ocidental)

Paulo Roberto Duarte Lopes*, Jailza Tavares de Oliveira-Silva*,
Natalino Matsui** e Alessandro Vasconcelos Ferreira**

Introdução

Chanomuraena vittata (Richardson, 1844), pertencente à família Muraenidae, é considerada rara, cresce até 1500 mm de comprimento, habita entre 7 e 37 m de profundidade e é conhecida para as Bermudas, península de Yucatán, Caribe e ilha de Ascensão, no Atlântico

ocidental; ilhas de Cabo Verde e ilhas de Annobon e São Tomé (Golfo da Guiné), no Atlântico oriental e ilhas Palmyra, Christmas, Carolines e Havaí, no Pacífico ocidental e central (Böhlke (ed.) 1989; Böhlke in Fischer, 1978; Robins *et al*, 1986; Cervigón *et al*, 1992).

Segundo Cervigón (1991), nenhum exemplar foi coletado na Venezuela mas há evidência de sua presença com base em observação. Para o Brasil, *C. vittata* é citada por Andreatta e Séret (1995) em 20°51'S - 33°45'W (63 m de profundidade) sendo este, ao que tudo indica, seu primeiro registro para esta região. O presente estudo registra *C. vittata* pela primeira vez para o litoral nordeste do Brasil e contribui para um melhor conhecimento sobre a ictiofauna ocorrente nesta região do Atlântico ocidental.

Material e Métodos

O indivíduo de *C. vittata* examinado neste estudo foi capturado em pescaria artesanal com auxílio de linha de fundo no pesqueiro "Coroa de Raimundo" (referência geográfica: Barra Grande), em aproximadamente 13°53'S - 38°50'W (litoral do estado da Bahia), a cerca de 52 m de profundidade e encontra-se depositado na coleção do Laboratório de Ictiologia (Departamento de Ciências Biológicas) da Universidade Estadual de Feira de Santana conservado em álcool 70%, registrado sob o número LIUEFS 4411. A identificação à nível genérico e específico foi baseada em Böhlke (ed.) (1989), Böhlke in Fischer (1978), Robins *et al* (1986) e Cervigón *et al* (1992).

Resultados

Material examinado: LIUEFS 4411 (1: 1000,0 mm de comprimento total) - aproximadamente 13°53'S - 38°50'W (cerca de 52 m de profundidade).

Diagnose: Corpo alongado, achatado lateralmente, robusto e sem escamas. Cabeça com a região occipital um pouco elevada e cabendo 7,1 vezes no comprimento total. Olhos pequenos, situados mais próximos do extremo do focinho, e cabendo 24,3 vezes no comprimento da cabeça e 2 vezes no comprimento do focinho. Dois pares de narinas situadas em tubos, o primeiro par situado no extremo do focinho e o segundo par acima da margem anterior da órbita. Boca ampla, maxila inferior projetando-se além da maxila superior. Dentes pequenos e pontiagudos distribuídos em fileiras irregulares presentes em ambas as maxilas, mais numerosos na maxila superior. Abertura branquial em forma de fenda longitudinal. Nadadeiras peitorais e pélvicas ausentes. Nadadeiras dorsal e anal restritas ao extremo posterior do corpo. Linha lateral ausente; alguns poros desta presentes na cabeça. Ânus situado em posição posterior no corpo; comprimento pré-anal atingindo 2/3 do comprimento total.

Colorido (em álcool 70%): Corpo marrom escuro com 19 faixas transversais também marrons (porém de tom menos intenso) e em geral com margens de cor clara. Estas faixas são às vezes incompletas ou ainda não simétricas. Uma mancha negra na parte interna da boca (no lado esquerdo), visível somente com esta aberta, na maxila inferior.

Discussão

Os caracteres diagnósticos apresentados por Böhlke (ed.) (1989), Böhlke in Fischer (1978), Robins *et al* (1986) e Cervigón *et al* (1992) coincidem no exemplar LIUEFS 4411, permitindo confirmar sua identificação como *C. vittata*. Proporções corporais, associadas com porcentagens do comprimento total e da cabeça, coincidem dentro das variações apresentados por Böhlke (ed.) (1989).

As principais diferenças observadas referem-se ao colorido do corpo. Segundo Böhlke (ed.) (1989), Böhlke in Fischer (1978), Robins *et al* (1986), Cervigón (1991) e Cervigón *et al* (1992), em *C. vittata* as faixas são de cor marrom escura. No exemplar LIUEFS 4411, predomina o marrom escuro (considerado como a cor de fundo do corpo) enquanto aquelas áreas de cor marrom clara, mais restritas, referem-se às faixas transversais. O número de faixas em *C. vittata*, segundo Böhlke (ed.) (1989), varia de 13 a 16 e no exemplar LIUEFS 4411, entre faixas incompletas e completas, ocorrem 19. Estas variações observadas no colorido representam características ainda não registradas para *C. vittata*.

Por habitar em águas de média profundidade e ser uma espécie pouco comum (apesar de sua ampla distribuição geográfica), *C. vittata* é ainda muito pouco conhecida no Brasil constituindo-se o presente registro como sendo o segundo para esta região do Atlântico ocidental e o primeiro confirmado para o estado da Bahia (litoral nordeste).

Agradecimentos

Ao pescador "Vinho", que capturou o exemplar de *C. vittata* e doou-o a N. Matsui e A. V. Ferreira; ao CNPq, pela concessão das bolsas a N. Matsui e A. V. Ferreira; ao biólogo Cláudio L. S. Sampaio (bolsista CNPq - projeto REVIZEE/SCORE Central) pela fotografia e sugestões de bibliografia; ao Sr. Alfredo C. Filho pelas informações enviadas; ao Prof. George Olavo (UEFS - Lab. Biologia Pesqueira) e ao Setor de Transportes da UEFS pelo apoio proporcionado para o transporte de *C. vittata* até a UEFS.

Referências

- Andreatta J.V. e Séret B. (1995) Relação dos peixes coletados nos limites da plataforma continental e nas montanhas submarinas Vitória, Trindade e Martin Vaz, durante a campanha oceanográfica MD-55 Brasil. *Rev. Bras. Zool.* 12 (3): 579-584.
- Böhlke E.B. (ed.) (1989) Fishes of the Western North Atlantic. Part 9. Volume 1. Orders Anguilliformes and Saccopharyngiformes. New Haven, Memoirs Sears Foundation Marine Research, 655p.
- Böhlke J.E. (1978) Muraenidae, n.p. In: W. Fischer (Ed.). FAO species identification sheets for fishery purposes. Western Central Atlantic (fishing area 31). Rome, Food and Agriculture Organization of the United Nations, n.p.

Cervigón F. (1991) Los peces marinos de Venezuela. Volume I. 2ª edición. Caracas, Fundación Científica Los Roques, 425p.

Cervigón F., Cipriani R., Fischer W., Garibaldi L., Hendrickx M., Lemus A.J., Márquez R., J.M. Poutiers J.M., Robaina G. e Rodriguez B. (1992). Guia de campo de las especies comerciales marinas y de

aguas salobres de la costa septentrional de Sur America. Roma, Organizacion de las Naciones Unidas para la Agricultura y la Alimentacion, 513p.

Robins C.R., Ray G.C. & E. Douglas, J. (1986). A field guide to Atlantic coast fishes of North America. Boston, Houghton Mifflin Company, 354p.

* Lab. Ictiologia; Dep. Ciências Biológicas; Universidade Estadual de Feira de Santana; Campus universitário - km 03 (BR-116); 44031-460; Feira de Santana; Bahia; Brasil. E-mail: prdlopes@gd.com.br. ** Bolsista CNPq - Programa REVIZEE/SCORE Central, Lab. Biologia Pesqueira; Departamento de Ciências Biológicas; Universidade Estadual de Feira de Santana; Campus universitário - km 03 (BR-116); 44031-460; Feira de Santana; Bahia; Brasil.

Comunicação dos Sócios II (Nossa Contribuição)

As espécies de *Astyanax* Baird e Girard (1854) da região da Serra dos Órgãos

Filipe Augusto G. de Melo*

Introdução

Os peixes do gênero *Astyanax*, popularmente conhecidos como lambaris ou piabas, possuem comprimento padrão máximo em torno de 200 mm e estão distribuídos desde o sul dos Estados Unidos até o norte da Argentina (Eigenmann, 1921). *Astyanax* é um dos principais representantes da família Characidae que habita as águas continentais da América do Sul e contém aproximadamente 100 espécies e subespécies nominais incluídas (Garutti, 1995, 1998). Embora esse número não seja exato, é provável que muitas espécies ainda estejam para ser descritas. As espécies de *Astyanax* em geral são similares morfológicamente entre si e sua separação tem sido historicamente difícil. *Astyanax* necessita de ampla revisão e de melhor definição taxonômica de suas formas.

Uma revisão regional das espécies de *Astyanax* da região da Serra dos Órgãos, realizada pelo autor como dissertação de mestrado, revelou a presença de espécies descritas por Jenyns no século passado e por Eigenmann e Myers no início desse século na área de estudo. Parte dos resultados dessa revisão é abaixo apresentada.

A Serra dos Órgãos, parte da Serra do Mar no Estado do Rio de Janeiro, é formada por um conjunto de rochas cristalinas que separa os tributários do rio Paraíba do Sul, ao norte, dos tributários litorâneos da costa do Rio de Janeiro, ao sul. Esta serra de relevo bastante acidentado, cuja altitude máxima pode ultrapassar 2000 metros, possui vales erodidos formados por rochas graníticas e suas cristas separam cabeceiras de vários rios. Os rios tributários do Paraíba do Sul, por exemplo, escavaram vales, separados uns dos outros por linhas de grandes picos que, por sua vez, formam serras que separam as bacias fluviais orientadas no sentido sul-norte (Ruelan,

1944). As rochas mais antigas que formam a Serra dos Órgãos datam do Pré-Cambriano (Amador, 1997).

As revisões mais recentes de *Astyanax* foram feitas por Eigenmann (1921, 1927) e encontram-se desatualizadas. Apesar disso, esses trabalhos ainda são importantes para estudos sistemáticos do gênero. As espécies de *Astyanax* descritas para a bacia do rio Paraíba do Sul possuem descrições breves e diagnoses pouco informativas. Trabalhos posteriores aos de Eigenmann (1921, 1927) fazem apenas referências ocasionais à ocorrência dessas espécies ou apresentam informação sobre ecologia (Fowler, 1948; Araújo, 1996; Bizerril, 1994, 1999).

Material e Métodos

A obtenção de dados merísticos e morfométricos seguiu Fink e Weitzman (1974). Nove drenagens da Serra dos Órgãos formam a área de estudo (fig. 1). Dessas nove, cinco pertencem a margem direita do rio Paraíba do Sul: alto rio Piabanha (que inclui o rio da Cidade) alto Rio Preto, rio Paquequer Grande, rio Paquequer Mirim e rio Dois Rios que inclui o rios Negro e Grande. As quatro bacias litorâneas são Guapimirim, Roncador, São João e Suruí.

Resultados e Discussão

Astyanax parahybae Eigenmann (1908), cuja localidade tipo é rio Paraíba do Sul, foi descrita como uma subespécie de *Astyanax fasciatus* (Cuvier, 1819) e se diferencia da forma nominotípica por possuir série de escamas interpoladas acima da nadadeira anal (Eigenmann, 1908). *Astyanax fasciatus* sensu Eigenmann possui ampla distribuição na América do Sul e provavelmente deve representar um complexo de espécies. O caráter diagnóstico de *A. paraybae* acima mencionado

também a separa das demais populações de *Astyanax fasciatus* sensu lato pertencentes às drenagens do alto rio Paraná, rios Jequitinhonha, Doce, e São Francisco. *Astyanax paraguayae* distribui-se nas bacias dos rios Paraíba do Sul, São João e Macaé.

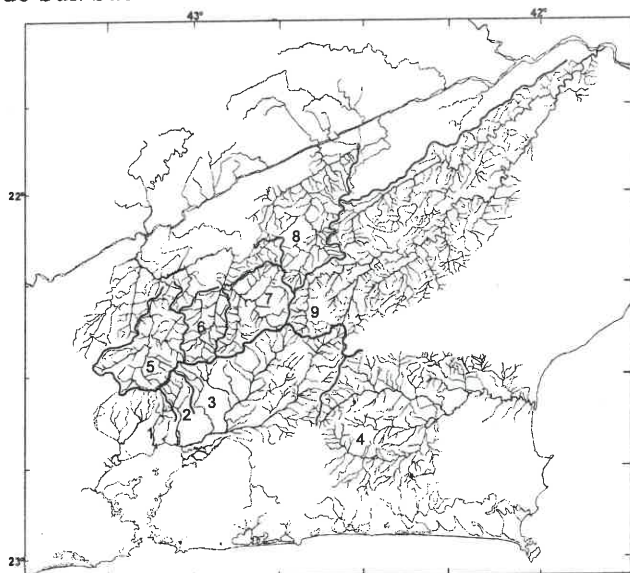


Figura 1 - Drenagens da Serra dos Órgãos que compõe a área de estudo. 1 - Suruí, 2 - Roncador, 3 - Guapimirim, 4 - São João, 5 - Alto Pabanha, 6 - Paquequer Mirim, 7 - Preto, 8 - Paquequer Grande, 9 - Dois Rios.

Astyanax giton Eigenmann (1908), cuja localidade tipo é o rio Paraíba do Sul, é parecido morfologicamente com *Astyanax taeniatus* (Jenyns, 1842), com a qual pode eventualmente ser confundida. Na descrição original, Eigenmann (1908) caracteriza *A. giton* como *A. taeniatus* de focinho curto, embora não tenha apresentado nenhuma medida comparativa do focinho entre as duas espécies. A média (24,5%) da percentagem do comprimento do focinho em relação ao comprimento da cabeça em exemplares examinados de *A. giton* é menor do que a média (28,6%)

da mesma relação em *A. taeniatus*. Entretanto é notória a sobreposição dos valores de exemplares jovens de *A. giton* sobre *A. taeniatus* (fig. 2). A dentição de *Astyanax giton* possui características do gênero *Deuterodon* como a variação gradual do tamanho dos dentes do dentário e a expansão lateral das cúspides dos dentes da série interna do pré-maxilar. A presença de características da dentição de *Deuterodon* em *A. giton* sugere que seja feita uma redefinição dos limites destes gêneros futuramente. A definição de gêneros de Characidae baseada unicamente em caracteres da dentição tem recebido consideráveis críticas (Weitzman e Fink, 1983; Zanata, 1997). A principal questão é o entendimento da natureza evolutiva dos caracteres dos dentes. Forma e número dos dentes e das cúspides podem definir um grupo no momento em que eles representem apomorfias. As características da dentição acima mencionadas são difíceis de

polarizar e podem representar homoplasias ou simplesiomorfias como sugeriram Lucena e Lucena (1992).

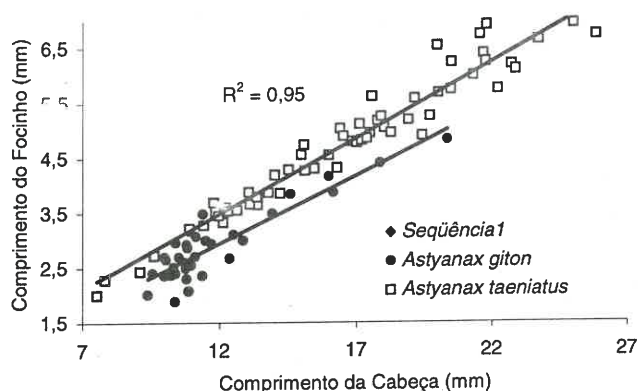


Figura 2 - Gráfico da regressão linear do comprimento do focinho versus o comprimento da cabeça de *Astyanax giton* e *Astyanax taeniatus*.

Outro problema é o atual desconhecimento das relações de *A. giton* com outras espécies de *Astyanax*. *Astyanax giton* distribui-se nas bacias dos rios Paraíba do Sul, São João, Suruí, Guapimirim e Itabapoana, um rio que faz divisa entre os Estados do

Rio de Janeiro e Espírito Santo. *Astyanax hastatus* Myers (1928) possui localidade tipo incerta, proximidades da cidade do Rio de Janeiro, e apresenta ganchos nas nadadeiras anal e caudal em espécimes machos, um caráter envolvido com dimorfismo sexual que separa essa espécie das demais revisadas. *Astyanax hastatus* distribui-se nos rios que atravessam a planície costeira em torno do Rio de Janeiro como por exemplo os rios Guandu, Macabu, Camboatá e Guapimirim.

Astyanax janeiroensis Eigenmann (1908), cuja localidade tipo é Rio de Janeiro, difere das demais formas revisadas pela série de escamas pré-dorsais imbricadas e por possuir de 23 a 29 raios na nadadeira anal. Distribui-se nos rios que atravessam a planície costeira em torno do rio Paraíba do Sul.

Astyanax intermedius Eigenmann (1908), cujas localidades tipo são rio Paraíba do Sul e rio Mucuri, foi descrita como uma subespécie de *Astyanax scabripinnis* (Jenyns, 1842) mas possui a forma da dentição do dentário diferente da forma da dentição encontradas no holótipo de *A. scabripinnis*. A redução abrupta do tamanho dos dentes do dentário ocorre a partir do quinto dente, de maneira mais "suave" do que é encontrada em *Astyanax scabripinnis*. Em *A. scabripinnis* a redução abrupta do tamanho dos dentes do dentário ocorre a partir do quarto dente como é observado comumente em *Astyanax* (fig. 3). *Astyanax intermedius* apresenta no máximo sete cúspides nos dentes enquanto *A. scabripinnis* possui no máximo cinco. *Astyanax intermedius* distribui-se nas cabeceiras dos drenagens que deságuam no rio Paraíba do Sul.

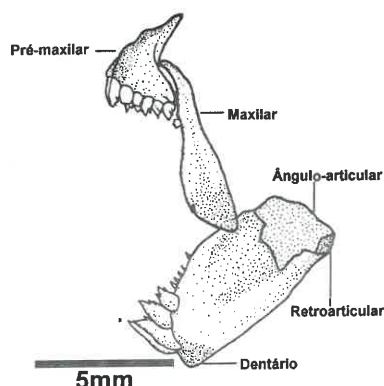


Figura 3 - Desenho da dentição em *Astyanax janeiroensis* MNRJ 11009. Rio Paraíba do Sul.

Astyanax taeniatus, cuja localidade tipo é Sossego (RJ), por onde passam tributários do rio Paraíba do Sul, possui a redução abrupta do tamanho dos dentes do dentário ocorrendo a partir do quinto dente, como é encontrado em *Astyanax scabripinnis intermedius*. *Astyanax taeniatus* difere de *A. intermedius* por possuir a extremidade livre do maxilar alcançando a extremidade ventral do segundo infra-orbital. *Astyanax taeniatus* distribui-se nas bacias dos rios Paraíba do Sul, Macaé, São João, Macacu e Itabapoana.

Duas espécies provavelmente novas também foram reconhecidas. A primeira possui a série de escamas pré-dorsais imbricadas e a mancha umeral ovalada horizontalmente. Essa espécie do rio Paraíba do Sul foi identificada por Eigenmann como *Astyanax bimaculatus* (Linnaeus, 1758). Entretanto uma recente revisão das espécies de *Astyanax* com padrão de coloração acima mencionado, desenvolvida por Garutti (1995), demonstra que não é correto aplicar o nome *A. bimaculatus* a essa espécie. Essa espécie difere de *A. bimaculatus* pela ausência de dentes no maxilar e pelo padrão de coloração das escamas. A segunda espécie foi encontrada em um tributário do rio Guapimirim e foi inicialmente confundida com *A. parahybae*. Essa espécie que ainda não recebeu nome difere de *A. parahybae* por não possuir a série de escamas interpoladas acima da nadadeira anal.

Referências

- Amador, E. da S. 1997. Baía de Guanabara e Ecossistemas Periféricos: Homem e Natureza. Reproarte Gráfica e Editora Ltda, Rio de Janeiro, xxxvi, 539 p.
- Araújo, F. G. 1996. Composição e estrutura da comunidade de peixes do médio e baixo Rio Paraíba do Sul, RJ. *Revista Brasileira de Biologia*, 56(1): 111-126.
- Bizerril, C. S. F. 1994. Análise taxonômica e biogeográfica da ictiofauna de água doce do leste brasileiro. *Acta Biológica Leopoldensia*, 16(1): 51-80.
- Bizerril, C. S. F. 1999. A Ictiofauna da bacia do Rio Paraíba do Sul. *Biodiversidade e Padrões Biogeográficos. Brazilian Archives of Biology and Technology*, 42(2): 233-250.
- Eigenmann C. H. 1908. Zoological Results of The Thayer Brazilian Expedition - Preliminary Descriptions of New Genera and Species of Tetragonopterid Characins. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology at Harvard College*, 52 (6): 98-99.
- Eigenmann, C. H. 1921. The American Characidae. *Memoirs of The Museum of Comparative Zoology at Harvard College*, 23(3):209-310.
- Eigenmann, C. H. 1927. The American Characidae. *Memoirs of The Museum of Comparative Zoology at Harvard College*, 23(3):311-428.
- Fink, W. L. & S.H Weitzman. 1974. The so-called cheirodontin characids of Central America, with descriptions of two new species (Pisces: Characidae). *Smithsonian Contributions to Zoology*, 172:1-46.
- Fowler, H. W. 1948. Os peixes de água doce do Brasil. (1a.entrega) *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo*, 6:1-204.
- Garutti, V. 1995. Revisão taxonômica dos *Astyanax* (Pisces, Characidae), com mancha umeral ovalada e mancha do pedúnculo caudal, estendendo-se à extremidade dos raios caudais medianos, das bacias do Paraná, São Francisco e Amazônica. 286p. Tese de Livre docência em Zoologia (Vertebrados), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo. (Não publicada).
- Garutti, V. 1998. Descrição de uma espécie nova de *Astyanax* (Teleostei, Characidae) da bacia do Tocantins, Brasil. *Iheringia, Série Zoologia*, (85): 115-122.
- Lucena, Z. M. S. e C. A. S de Lucena. 1992. Revisão das espécies do Gênero *Deuterodon* Eigenmann, 1907 dos sistemas costeiros do sul do Brasil com a descrição de quatro espécies novas. *Comunicações do Museu de Ciência e Tecnologia da PUCRS, série Zoologia*, 5(9): 123-168.
- Ruelan, F. 1944. Evolução geomorfológica da Baía de Guanabara e regiões vizinhas. *Revista Brasileira de Geografia*, 6(4): 445-508.
- Zanata, A. M. 1997. *Jupiaba*, um novo gênero de Tetragonopterinae com osso pélvico em forma de espinho (Characidae, Characiformes). *Iheringia, Série Zoologia*, 83:99-136.
- Weitzman, S. H. e W. Fink. 1983. Relationships of the Neon Tetras, A Group of South American Freshwater Fishes (Teleostei, Characidae) with Comments on the Phylogeny of New World Characiforms. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology*, 150 (6): 339-395.

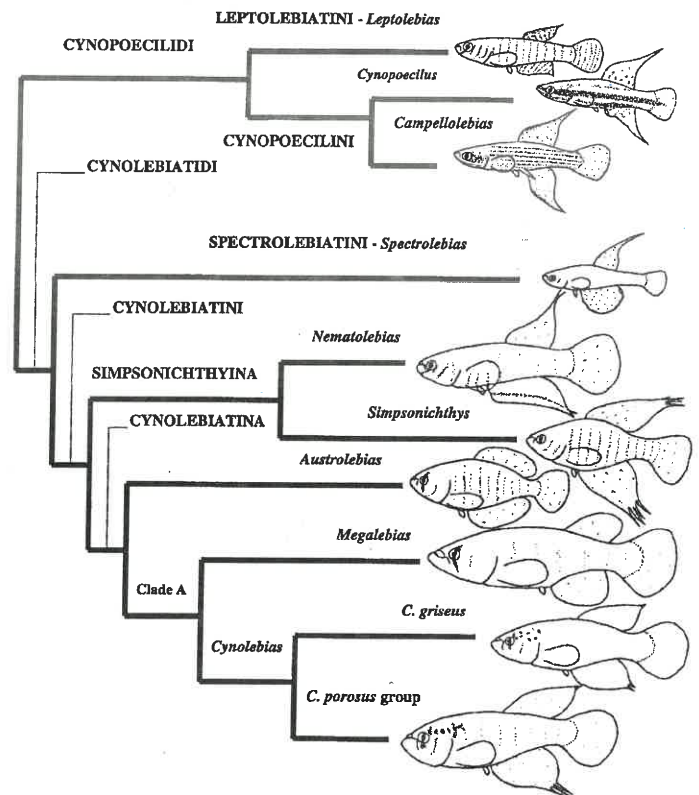
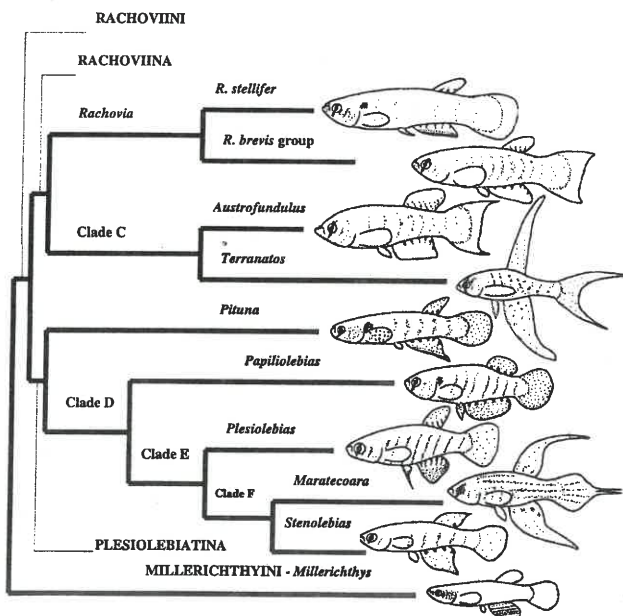
Conforme o Cladograma... (Atualização em Sistemática)

A medida que os peixes neotropicais vão sendo alvo de estudos filogenéticos mais detalhados, mudanças nomenclaturais costumam ocorrer. Este espaço em nosso boletim trás informações sobre recentes mudanças ocorridas com os nomes dos táxons.

Classificação da família Rivulidae

Wilson J.E.M. Costa*

Rivulidae compreende um diversificado agrupamento de cerca de 200 pequenos peixes neotropicais, especialmente popularizados pelos vistosos padrões de colorido e intrigante ciclo anual de vida exibidos pela grande maioria de seus representantes. Apesar de suas características especiais despertarem um profundo interesse por parte tanto de cientistas como de aquaristas, até pouco tempo atrás eram equivocadamente considerados constituir um grupo pouco diversificado, com cerca de dez gêneros intuitivamente reconhecidos. Como apontado por Weitzman & Wourms (1967), não havia um só caráter que objetivamente diagnosticasse qualquer dos gêneros da família.

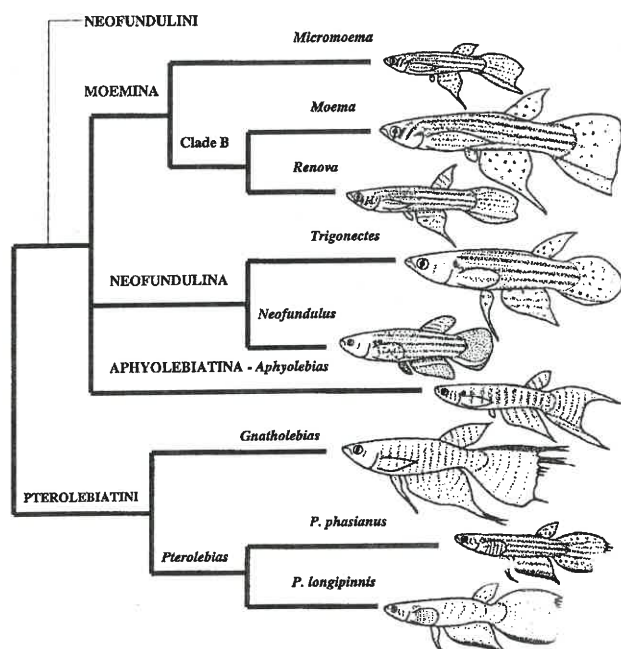


além da descoberta de dezenas de novas espécies de clados ainda não conhecidos. Assim, através de nova análise filogenética, foi possível revalidar gêneros anteriormente sinonimizados, além de criar novos, atingindo-se um total de 12 gêneros considerados válidos (Costa, 1990a, b). Entretanto, com o avanço das técnicas e intensificação de coletas, muitas outras novas espécies foram encontradas, e conseqüentemente necessitando-se a criação de novos gêneros (Costa, 1995a, b; Thomerson & Taphorn, 1995; Costa & Nielsen, 1997). Por outro lado, isto também provocou uma redefinição de grupos anteriores, algumas vezes fragilizando-se diagnoses de gêneros através de restrição de características para permitir a inclusão de novas espécies. Como conseqüência, uma nova análise filogenética englobando refinamento e aumento do números de caracteres tornou-se necessária. Com base nesta última análise, chegamos à mais recente proposta de classificação de Rivulidae (Costa, 1998), onde 27 gêneros são reconhecidos: *Leptolebias* Myers, *Cynopoecilus* Regan, *Campellolebias* Vaz-Ferreira & Sierra, *Spectrolebias* Costa & Nielsen, *Nematolebias* Costa,

A primeira iniciativa para uma classificação formal baseada em características derivadas foi desenvolvida por Parenti (1981), num trabalho em que o foco principal era uma análise filogenética da ordem Cyprinodontiformes. Entretanto, devido à reduzida quantidade de material disponível e de caracteres filogeneticamente informativos, a opção encontrada na ocasião foi a de reduzir o número de gêneros a sete.

Em anos seguintes, esforços foram direcionados para coletas mais especializadas, produzindo-se uma imensa coleção de peixes rivulídeos, fato inédito na história do grupo. Isto permitiu a redefinição de várias espécies,

Simpsonichthys Carvalho, *Austrolebias* Costa, *Megalebias* Costa, *Cynolebias* Steindachner, *Rivulus* Poey, *Gnatholebias* Costa, *Pterolebias* Garman, *Aphyolebias* Costa, *Neofundulus* Myers, *Trigonectes* Myers, *Micromoema* Costa, *Moema* Costa, *Renova* Thomerson & Taphorn, *Millerichthys* Costa, *Rachovia* Myers, *Austrofundulus* Myers, *Terranatos* Taphorn & Thomerson, *Pituna* Costa, *Papiliolebias* Costa, *Plesiolebias* Costa, *Maratecoara* Costa e *Stenolebias* Costa.



Referências

- Costa, W.J.E.M. 1990a. Análise filogenética da família Rivulidae (Cyprinodontiformes, Aplocheiloidei). Rev. Brasil. Biol. 50:65-82.
- Costa, W.J.E.M. 1990b. Classificação e distribuição da família Rivulidae (Cyprinodontiformes, Aplocheiloidei). Rev. Brasil. Biol. 50:83-89.
- Costa, W.J.E.M. 1995a. Two new genera and two new species of the neotropical annual fishes Plesiolebiatini (Cyprinodontiformes: Rivulidae), with studies on the relationships of the tribe. Rev. fr. Aquariol. 21:65-74.
- Costa, W.J.E.M. 1995b. Pearl killifishes - the Cynolebiatinae: systematics and biogeography of the neotropical annual fish subfamily. Neptune City, T. F. H.
- Costa, W.J.E.M. (1998). Phylogeny and classification of Rivulidae revisited: Evolution of annualism and miniaturization in rivulid fishes (Cyprinodontiformes: Aplocheiloidei). J. Comp. Biol. 3: 33-92.
- Costa, W.J.E.M. & D.T.B. Nielsen. 1997. A new genus and species of annual fish (Cyprinodontiformes: Rivulidae) from the Araguaia basin, central Brazil. Ichthyol. Explor. Freshwaters 7:257-265.
- Parenti, L.R. 1981. A phylogenetic and biogeographic analysis of cyprinodontiform fishes (Teleostei, Atherinomorpha). Bul. Am. Mus. Nat. Hist. 168:335-557.
- Thomerson, J.E. & D.C. Taphorn. 1995. *Renova oscar*, a new genus and species of annual killifish from Venezuela (Cyprinodontiformes: Rivulidae). Ichthyol. Explor. Freshwaters 6:185-192.
- Weitzman, S.H. & J.P. Wourms. 1967. South American cyprinodont fishes allied to *Cynolebias* with the description of a new species of *Austrofundulus* from Venezuela. Copeia 1967:89-100.

*Laboratório de Ictiologia Geral e Aplicada, Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Cidade Universitária, Caixa Postal 68049, CEP 21944-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: wcosta@acd.ufrj.br.

Participe do boletim!

É muito importante.

Envie seus artigos, contribuições e outras informações diretamente para a secretaria, preferencialmente como *attachments* em um email.



Novas filiações, atualização de endereço, pedido de livros

Cadastro: _____

Nome: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Instituição: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____ País: _____

Fone: (____) _____ Fax: (____) _____ E-mail: _____

Graduação: _____ Titulação: _____

Área de Atuação: _____

a) Tipo de Ambiente de Interesse: _____

b) Região/Bacia Hidrográfica: _____

Linha de Pesquisa: _____

ANUIDADE: 30 UFIR (R\$32,00) TAXA DE FILIAÇÃO: 6 UFIR (R\$6,50)

Estou enviando cheque nº _____ do Banco _____ para a tesouraria da Sociedade Brasileira de Ictiologia, no valor de R\$ _____ (_____), ou U\$- _____ (_____) referente a:

- () Pagamento de anuidade (anos: _____ / _____ / _____ / _____)
 () Pagamento da taxa de filiação
 () Solicitação de livros:

(1) _____

(2) _____

Endereço da Tesouraria: Rua Costa Aguiar, 1236, Ipiranga, 04204-001 São Paulo, SP.

Expediente BOLETIM

Sociedade Brasileira de Ictiologia Nº61

Presidente: Roberto E. Reis
 Secretário: Carlos A. S. Lucena
 Tesoureira: Olga Martins Mimura

Elaboração: Diretoria SBI
 Editoração: Roberto Reis & Carlos Lucena
 Assistente: Alexandre Cardoso
 Tiragem: 300 exemplares
 Impressão: Gráfica Mercograff
 Endereço: Laboratório de Ictiologia
 Museu de Ciências e Tecnologia - PUCRS
 Av. Ipiranga 6681
 Caixa Postal 1429
 90619-900 Porto Alegre, RS

Email: sbi@pucrs.brWeb: <http://www.sbi.bio.br>

Os conceitos, idéias e comentários expressos neste boletim são de inteira responsabilidade da Diretoria da SBI ou dos que os assinam.

Elevando a Capacidade de Suporte...

Biologia da Reprodução de Peixes Teleósteos: Teoria e Prática

Anna Emilia Vazzoler, 1996
 SBI/UEM, 169p.
 Preço: R\$ 25,00 (R\$ 20,00 para sócios)



Recursos Pesqueiros Estuarinos e Marinhos no Brasil

Melquíades Pinto Paiva, 1997
 EUFC, 278p.
 Preço: R\$ 27,00 (R\$ 22,00 para sócios)



Situação Atual e Perspectivas da Ictiologia no Brasil

Ângelo A. Agostinho e Evanilde Benedito-Cecílio, 1992
 Preço: Gratuito para Sócios



Ecologia de Peixes de Riacho

Érica Caramaschi, Rosana Mazzoni & Pedro Peres-Neto, 1999 UFRJ, 260p.
 Preço: R\$ 25,00

